



CONTOS E POEMAS

NOTURNOS

Histórias da Noite

*Ademir Pascale
organizador*

VOLUME
8

Selo Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-64086-0
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

PÚSTULAS MALIGNAS: O TRIÂNGULO DA MORTE, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 05

A NOITE DAS PROMESSAS E DAS CINZAS, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 09

NOITE, O SILÊNCIO DA VIDA, POR CRISTINE POMBO, PÁG. 10

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 14

INQUIETAÇÃO, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 16

A VIAGEM DO POETA, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 18

TEMPO DE SILÊNCIOS, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 20

REFLEXÕES SOBRE A NOITE, POR JANINE RASADOR, PÁG. 22

O HOMEM DO PÉ REDONDO, POR LUIZ ROSA, PÁG. 24

CAI A NOITE, POR MAYARA VALÉRIO, PÁG. 26

ANSEIO NOTURNO, POR MAYARA VALÉRIO, PÁG. 28

A NOITE, POR MARCIA DE ASSIS, PÁG. 30

NOITE DE SÃO JOÃO NA MINHA INFÂNCIA, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 34

VIVÊNCIAS NUMA NOITE DE NATAL, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 37

O DISCO VOADOR, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 39

NOITES NA OLARIA SÃO GERALDO, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 42

QUANDO ANOITECE, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 45

REVELAÇÕES DA NOITE, POR NEYREID MALTAURO, PÁG. 47

MULA, POR PEDRO PUCCI, PÁG. 49

QUANDO NÃO PERCEBEMOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55

CÍRCULO VICIOSO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 58

CANÇÃO PARA GAIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60

FOMOS E SOMOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 62

SEM PALAVRAS, POR SHEILA SACKS, PÁG. 64

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 69

CONTOS E POEMAS

NOTURNOS

Histórias da Noite

*Ademir Pascale
organizador*

VOLUME
8

Selo Conexão Literatura



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

PÚSTULAS MALIGNAS: O TRIÂNGULO DA MORTE

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



E o bacilo da pústula maligna fôra bem instruído: ide e avançai e instalai: instalai multidão de contaminação.

E o agulhão do ferrão da destruição cumpriu bem a sua missão: o antraz da perversão foi bem postado nas costas da deserção. Costas da deserção? Sim, ela, ela a agente do dragão(não fôra este o que incutira a instalação?) não se lhe chegara por detrás?

Então, o seu maior tumor de irradiação estava às suas costas de delírio. Costas de delírio? Sim, não lhe infligiam o maior martírio?

Sim, é bom que se diga: ele, ele o infectado, ele muito sofria.

Por que a sua imunização do seu sistema imunológico não possuía o contra agente etiológico?

Não dera às costas ao Sol da esterilização? Mas vede, vede bem, Sol que esteriliza ao agente que à sorrelfa muito alisa. Muito alisa? Sim, não é às sombras que a nau dos fungos e das bactérias possui o seu oceano de pululação? As ondas que os impelem não são as vastas sandices dos de má credence? Essa má credence é a da vítima, a que umedece suas costas com o ambiente favorável da germinação da sua própria destruição.

Mas, no caso vertente, a pústula do verso do de má conversa, era o seu leme de etiologia da despudorada maria.

Despudorada maria? Ora, essa, a sua companheira das trevas, a de má conserva, não lhe atrelava mais malignidade na sua pústula de falta de esterilidade? Se esta houvesse, a boa assepsia, não se deixaria mais acelerar de vil morte, pela sua nefasta companheira maria.

Não vos esqueçais da maliguidade primeira: a sogra, a de má conselheira: fora esta, e não aquela, a do cadinho infectador, onde o pobre contador(cônjuge da deserção e, também vitima do preto esquadrão), fôra esta a matriz do fel da maldade em execução. Sim, não executara a cilada quando se encomendara? Quando se encomendara? Sim, quando deu vozes ao seu líder das sombras, ela, ela a “Rosa dos Malefícios” (seu nome em maiuscular citação, para conceberes de tanto mal a exatidão), não concebera o maligno plano que arquitetara?

Desta vez serei bem claro em minhas clareiras de luzes descortinadoras: despudorada era o outro nome da sem nome. Rosa dos Malefícios dos descabros na sua irmandade, era o outro nome, também, da pobre da orfandade. Pobre da

orfandade? Sim, não era morta em vida? E não é só ao morto em vida, embora de boa acolhida pelo Sol da existencialidade, não é só a este agonizante das trevas(e ofuscante das flores), não é só a este que o nome de órfão é juízo do ajuizador do de boa sentencialidade?

Ela, a sogra de má obra, dissera à sua geração: vade, vade e levai o recado do “meu” amo dragão: ele não ruge com graça, mas até, filha minha, fala ao trouxa da nossa investida, com dizeres de boa traça: no mais ao amanhã do nosso enlace(minha boa sortida), enlaçaremos propriedade em nossa futura idade.

Ao após o casamento da noiva do desamor com o da falta de pudor, as palmas das mãos da alma da desalmada, receberam em seus dedos de astúcia, o vinco das bordas dos anéis do professorado primeiro: filha minha, das minhas revoltas, por revoltos causares, tens aqui e agora, teus dedos adereçados das centopéias das desditas: para ti, mãe e filha aflitas, esses espetos retorcidos são a formatura da tua má urdidura: não se vos parecem tão engraçadas?

Mas vede, vede bem, o leão não ruge com graça: aquela agraciação era só o sorriso fecundo dos porões do submundo. Somente elas, as traças sem arruaças, do pó das vaidades, como infectadas da avulsão, ao expelirem o pus das discórdias, tinham o aplauso do dragão: esse, esse sim, ao sorriso nada confidente(às suas filhas, as traças) esse, esse sim ria com muita graça.

Aquelas, as perniciosas, riam enquanto podiam.

E o de falta de tumor do ao início? Era vítima ou era combatente muito contente? Não fôra atizado por pústula às suas costas? Não fôra mordido pela áspide da traição?

Esse já tinha ao mal, inclinação. Inclinação? Sim, não se inclinara à admiração?

Então, ao admirarem suas costas à perversão em ação, o bacilo de infecção, antraz da maldade em qualquer idade, pulou-lhe à véspera de sua má conversa. Má conversa? Sim, ao após da irradiação da sua mordida, traiçoeira infecção, não fôra nova pústula em avulsão?

São 3 pústulas malignas: a vaidade da infecção, o das trevas da contaminação e a armadilha do embuste da devastação.

São espíritos infectados, pelo mal comandados.

São almas doentes de esquizofrenia da doença maldita da amaldiçoada sogra da má companhia.

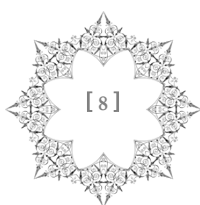
Formam o triângulo da morte aos de boa sorte. Boa sorte? Sim, sempre não há os mais felizes no seu ambiente de atuação? Então, esses seus consortes(consortes na vivencialidade da temporalidade), por serem circunstâncias do ao seu derredor, ao sofrerem do pus da desimantação, formam-lhes o seu colar de irradiação.

Colar de irradiação, incrédulos, vocês, os do Bem, indagareis? Sim, não é ao dedo sujo que o melhor diamante convém? Não é esse o seu amém? Amém nas desgraças das vis traças? Ora, não lhe serve de atavio ao seu escombros, o do Bom Atavio?

Perspicares direis: “Longe da hediondez quereríamos estar e não, de adereço de enfeite, ao mal emoldurar”.

Sim, isso quereríeis, mas não é o mal o companheiro indissolúvel da bondade? Essa não lhe serve de enfeite da sua maldade? Então, por pior situação que seja, onde mais longe do mal o Bem esteja, aquela pústula de pus sempre quererá o seu enfeite de luz.

Eu, a Bacteriologia





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A NOITE DAS PROMESSAS E DAS CÍNZAS

Por Bruno Nascimento Coelho

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



A lua cheia pairava sobre o céu de Brasília, filtrando-se pelos pinheiros do parque da cidade, criando um palco de sombras alongadas.

Mas nem sempre fora assim. Antes, aquele mesmo céu fora engolido por uma fumaça espessa, tingida de vermelho e cinza, enquanto labaredas dançavam como serpentes famintas entre as copas das árvores.

Da escuridão da mata ciliar, um vulto hesitante surgiu, a pelagem chamuscada, o corpo marcado por cicatrizes recentes.

Ele se lembrava do calor insuportável, do cheiro de carne e madeira queimadas, do uivo desesperado de um irmão que não conseguiu alcançar.

Seus olhos, porém, brilhavam com uma intensidade selvagem, carregando a memória do inferno de chamas que engolira seu lar.

Logo, outro lobisomem emergiu, mancando, o pelo emaranhado e fuliginoso. Seus olhos encontraram os do primeiro, e ali, sem palavras, houve o reconhecimento da tragédia compartilhada.

Ambos haviam corrido por entre as árvores em chamas, desviando de galhos em brasa, sentindo a terra tremer sob suas patas.

A silenciosa confirmação de que não estavam completamente sós era tudo o que restava.

Mais um se juntou a eles, e depois outro, cada chegada um testemunho mudo da devastação.

Cada rosto trazia a lembrança de um momento de perda: um filhote deixado para trás, um companheiro soterrado por troncos em chamas, um uivo que cessou abruptamente.

A cada novo sobrevivente que cambaleava para a clareira iluminada pela lua, um misto de horror e alívio dançava nos olhares dos que já estavam ali.

Os olhos marejados dos mais jovens buscavam freneticamente por rostos familiares, lembrando-se das noites em que corriam livres sob a mesma lua, sem medo, sem dor. Enquanto os mais velhos, com suas expressões cansadas e endurecidas, acolhiam os recém-chegados com um brilho úmido de dor contida.

Não havia necessidade de palavras para expressar a angústia pela perda, a silenciosa contagem dos que não viriam mais.

Mas cada silêncio era preenchido por ecos do passado. O estalo das árvores cedendo, o rugido do fogo, os gritos abafados pela fumaça.

Nos encontros de olhares, cintilava também a tênue chama da esperança pelos que haviam sobrevivido.

Os anciões, com a sabedoria gravada em suas faces lupinas, moviam-se com propósito, examinando as feridas dos mais novos.

Eles haviam guiado a alcateia por entre as chamas, abrindo caminho com garras e coragem, mesmo quando tudo parecia perdido.

Folhas e raízes, segredos ancestrais da alcateia, eram aplicadas com delicadeza nas peles queimadas.

Abraços apertados, sem som, uniam os sobreviventes, um amálgama de luto e consolo, de gratidão pela vida poupada e fúria impotente contra a causa da sua desgraça.

E mesmo agora, sob a luz prateada da lua, o cheiro de fumaça ainda parecia impregnado em seus pelos, como uma lembrança que se recusa a partir.

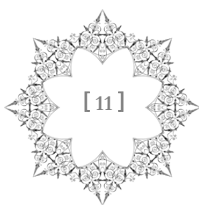
Nos olhos de cada lobisomem, pairava a sombra daquele que se encontra sozinho, mesmo em meio a outros.

A força que emanava deles não vinha do conforto da multidão, mas da experiência visceral de terem sido despedaçados e, de alguma forma, sobrevivido.

Eles haviam perdido tudo — território, família, história — mas não a si mesmos.

E em seus olhares, firmes e determinados sob a luz da lua, residia a silenciosa promessa.

O pouco que restava seria preservado, e sobre as cinzas, a alcateia renasceria.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NOITE, O SILÊNCIO DA VIDA

Por Cristine Pombo

Psicóloga, escritora, escreve desde menina, sempre foi observadora da vida e da beleza da vida.

Noite sem lua
Toda sua
As estrelas sabem de tudo
São como olhos brilhantes para todos
Todo mundo vê cometa
Quando vê, já passou
Como o tempo que passou entre as pausas
Os descansos, os cochilos
As distrações e as menções O tempo que pede tempo Noite com lua
Lua cheia, ilumina e aquece
Transforma o que não aparece
Lua nova, renova e inspira
Aqueles que já não têm esperança
A noite é o anúncio do dia
O silêncio da vida
Dorme tudo que não cabe mais
Tudo O que inquieta todas as partes
Os sentidos descansam na noite que chega
Nas luas, nos ciclos, em tudo que gira
Muda, modifica, incomoda e acomoda
Noturna, madruga
Para logo despertar e tudo recomeçar
Noites são assim, lindas!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Por Elzita Ferreira Vidal

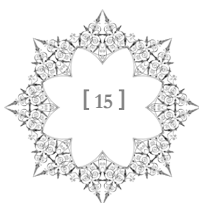
Formada em Engenharia Civil e Mestre em Meio Ambiente pela UEFS, ela escreve poemas que capturam a essência do cotidiano, revelando a beleza e a profundidade de suas experiências ao longo de seus 67 anos de vida.

Num velho álbum de fotografias guardado no canto da sala,
existem intermináveis minutos de histórias.

A história de Monga no cinema, o parque na cidade,
o bonde passeando pelas ruas estreitas,
e as lembranças do sertão, dos mares e da cidade sem perigo.

Uma senhora passeia no jardim com as crianças
e os guarda-chuvas cobrem os homens e os seus chapéus
como se fossem um hábito religioso.

Hoje, numa tarde de outono
eu e a minha memória temos lembranças irreversíveis
de um tempo sem tempo numa cidade sem medo e sem violência.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

INQUIETAÇÃO

Por Elzita Ferreira Vidal

Formada em Engenharia Civil e Mestre em Meio Ambiente pela UEFS, ela escreve poemas que capturam a essência do cotidiano, revelando a beleza e a profundidade de suas experiências ao longo de seus 67 anos de vida.



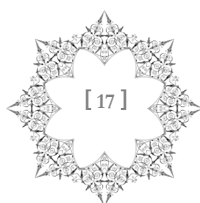
Todo final de tarde o homem de óculos e bigode lê jornal na praça.
Senta no bar e lê as notícias.

A velha negra serve o Café preto, e o conhaque vem a reboque.

A paisagem da calçada úmida, o sorveteiro e o vento sobre a placa
se transforma em notícia.

A explosão de um caixa eletrônico, a ambulância que passa em alta velocidade em
contraste com a doce música mecânica
e um velho cachorro correndo na praça também são notícias.

No entanto, dentro do poeta quieto e inquieto de notícias
traz dentro de si a poesia inquieta e viva
que inunda a minha vida inteira.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A VIAGEM DO POETA

Por Elzita Ferreira Vidal

Formada em Engenharia Civil e Mestre em Meio Ambiente pela UEFS, ela escreve poemas que capturam a essência do cotidiano, revelando a beleza e a profundidade de suas experiências ao longo de seus 67 anos de vida.

O poeta chega na estação.

Nada de aplausos, e banda de música, apenas as árvores nas calçadas.

Seus poemas feitos de sofrimento e beleza

tem raízes profundas e mergulha no infinito.

Eles falam da guerra, fome, das discussões nos bares, dos olhares nas calçadas, das formas de arquitetura,

e dos mistérios de tantas descobertas que deixam a visão extasiada.

Ele fala dos sertões, dos mares, dos desertos, das flores amarelas,

E em vão percorremos o tempo.

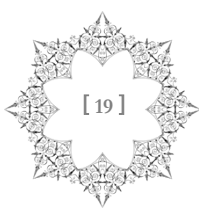
Viajamos com tantas visões obscuras que o vento dissipa as palavras
e a escuridão brilha como lanterna sobre o ar da noite.

É tempo de nostalgia... Tempo de meio silêncio,

de boca gelada, de palavras indiretas e aviso na esquina.

É tempo de orquídeas, crianças alérgicas, teatro.

E a solidão na poltrona marcha no mundo capitalista com suas palavras e intuições.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TEMPO DE SILÊNCIOS

Por Elzita Ferreira Vidal

Formada em Engenharia Civil e Mestre em Meio Ambiente pela UEFS, ela escreve poemas que capturam a essência do cotidiano, revelando a beleza e a profundidade de suas experiências ao longo de seus 67 anos de vida.



Estamos em maio: tempo de silêncios!

No muro apenas as palavras quebram o silêncio,
e no céu aves anunciam a propaganda de glória e da chuva.

As ruas esvaziam-se...

Nas calçadas, as pessoas vendem frutas, legumes
e outros tantos sonhos que vem da China

... lentidão no trânsito, multidão sem cheiro e sem cor,
crianças, homens, mulheres, formigas e mendigos caminham lado a lado.

No mundo irreal, vemos orquídeas, constelações, jornais, acarajés,
e na grande baía, um bote anuncia o crepúsculo num final de tarde.

Na mesa apenas um garfo e uma faca que corta o silêncio
em meio a tantas palavras que hoje dormem na varanda.

É tempo de gestos, de afetos,
de flores amarelas que brilham numa noite escura.

Maio é tempo de se contar histórias,
de viagens, de pássaros na praça, e bancos cheios de folhas.

É tempo de meio silêncio!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

REFLEXÕES SOBRE A NOITE

Por Janine Rasador

Janine Rasador tem 29 anos de idade, gaúcha de São Marcos, cidadezinha interiorana. Pedagoga de formação, porém não atua na área no momento. Trabalha desde os 13 anos na confecção de roupas da sua mãe Janisce.

Mãe de três filhos lindos, Vicente de 7 anos e das gêmeas Lorena e Manuela de apenas 6 meses. Entre uma fralda e outra, ela sonha, ela pensa, ela tenta se reencontrar, e a escrita a ajuda nisso.

Apesar de nunca ter focado nesse seu lado escritora, sempre flertou com ele.



Ó noite que nos envolve em tua escuridão
Trazendo um mundaréu de reflexão
Noite que para uns é afago
No aconchego de um lar caloroso
Para outros é o momento tenebroso
De uma solidão sem fim, ao léu,
Tendo como teto o céu

Ó imensidão escura,
Podes nos trazer a cura?
Tu que és mística, apavorante e sedutora
Podes explicar à esta autora
Por que à alguns causas grande inspiração,
Enquanto a outros, tamanha solidão?

Arrisco uma explicação
Deves ser um espelho
Capaz de dar conselhos
E também de refletir a escuridão
Na verdade, pensando bem, não tens poder algum,
Além de servir de refletor do que se tem dentro de cada um

Não és boa e nem má
Apenas nos permite enxergar
Apagando as luzes externas,
Fazendo com que cada um ascenda à interna
És uma das dualidades da vida, parte da natureza
E como tal, tens sua função e beleza





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O HOMEM DO PÉ REDONDO

Por Luiz Rosa

Luiz Rosa nasceu em 21/10/1980, e sua paixão pela literatura vem desde muito cedo. Na adolescência, lia os quadrinhos de Spawn e Conan; sobre mitologia e sociedade grega. Passou a juventude lendo Agatha Christie, Stephen King, Kafka e Dostoiévski. Em 2001, publicou o conto O Choro, na antologia literária Escrevendo Mulheres. Foi novamente agraciado em 2014, com a publicação do conto Homem e Ponto. Sua obra mais recente é a fantasia cibernética Exploit, publicada pela Editora Viseu. É formado em história e pós-graduado em geopolítica pelas Faculdades Integradas 'Espírita' - Curitiba-PR.

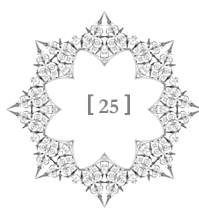


Durante a vigília, sentei-me com minha avó em frente à lareira, e ela começou a me contar a seguinte história:

– Eu e minhas amigas íamos ao baile todo sábado – disse ela, de forma serena, olhando atentamente para o fogo que crepitava, cujas chamas refletiam em seus olhos acinzentados. – Era longe e tínhamos que ir a pé por um caminho de terra batida, mas os rapazes da vila sempre nos acompanhavam para nos proteger. – Ela fez uma pausa, talvez lembrando de um amor antigo. – Naquela época, todos eram amigos ou tinham algum parentesco. Então, numa noite de verão, apareceu um homem vestido de branco, usando um chapéu. Ele rapidamente se tornou o centro das atenções, pois era um exímio dançarino. As mulheres que dançavam com ele diziam que seus pés eram redondos, como cascos de um animal. Nos meses seguintes, cinco mulheres da vila desapareceram sem deixar pistas, incluindo minha amiga Matilde, que Deus a tenha! – Ela parou e fez o sinal da cruz, olhando para a imagem de Cristo na parede acima da lareira. – Decidiu-se então que os rapazes da vila iriam enfrentá-lo na próxima vez que o vissem, para perguntar o que ele havia feito com elas. Quando ele apareceu na pista de dança, à meia-noite, os rapazes rapidamente o cercaram. Mas, durante o tumulto, o chapéu dele caiu, e vimos, horrorizados, protuberâncias sobre sua cabeça, como olhos bestiais, vermelhos e reluzentes. Nisso, todo mundo correu! – Ela sorriu. – Inclusive todos os machões que estavam loucos para pegá-lo! Ai, ai! Depois daquele dia, ele nunca mais apareceu. Nós o chamávamos de O Demônio da Meia-Noite, mas com o tempo decidimos que era melhor esquecer...

– E a senhora chegou a dançar com ele? – perguntei.

– Sim, e não foi só uma vez! Como já disse, ele era um exímio dançarino, meu querido neto – respondeu ela, sorrindo novamente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CAI A NOITE

Por Mayara Valério

Mayara Valério é artista; graduada em Design Gráfico, pós-graduada em Arteterapia Junguiana, mãe, esposa, escritora, pintora, dona de casa e conciliadora jr. das suas multifaceis. Sempre escreveu poesia para sublimar sentimentos, também se aventura como contista flertando com modernismo, surrealismo e sci-fi. Adora ouvir e observar pessoas e seus universos particulares. Atualmente reside em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.



Doce brisa que corre
permeia todos pacientemente
alheios ao mundo.

Tiro no escuro.

Ninguém percebe
Cai,

só.

Questão de um segundo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ANSEIO NOTURNO

Por Mayara Valério

Mayara Valério é artista; graduada em Design Gráfico, pós-graduada em Arteterapia Junguiana, mãe, esposa, escritora, pintora, dona de casa e conciliadora jr. das suas multifaceis. Sempre escreveu poesia para sublimar sentimentos, também se aventura como contista flertando com modernismo, surrealismo e sci-fi. Adora ouvir e observar pessoas e seus universos particulares. Atualmente reside em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

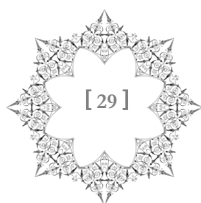


Noite amena de primavera,
seu hálito fresco sussurra uma canção.
Abraço a cidade nua e danço com ela.

Pessoas bailam a mesma toada,
prédios observam calmamente minha dor.
O suor escorre lentamente na pele gelada.

Não há rumo, não há promessas, não há perdão
apenas o anseio de se viver mais cinco passos.
Ofegante destino sob luzes da alienação.

O vento corta tudo, tal qual lâminas invisíveis
o céu estende o lençol índigo que acolhe os solitários.
Caminhantes... irmãos no acaso e nos delírios tangíveis.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A NOITE

Por Marcia de Assis

Márcia de Assis, graduada em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas, Pedagogia pelo CESMAC e Pós Graduada em Psicopedagogia, exercendo atualmente a função de Professora Contadora de Histórias. Tem mais de 10 livros publicados, nasceu em 03 de novembro de 1955 na Cidade de Maceió/AL, realiza trabalhos assistenciais e voluntários com animais de ruas e contação de histórias em abrigos de idosos.



A noite desce devagar, vestida de silêncio e mistério.
Vem cobrindo as casas com seu manto escuro,
trazendo o frescor que alivia o cansaço do dia
e apagando, com dedos frios, os rastros do sol que se despede.
Tudo se acalma sob o seu domínio:
os pássaros dormem em seus ninhos ocultos,
as ruas se esvaziam, as vozes diminuem,
e os pensamentos ganham som dentro de nós.

Na escuridão, as verdades se revelam,
pois os olhos do corpo se fecham,
mas os da alma se abrem inteiros.
É no silêncio da noite que o espírito fala.

Os que dormem, sonham.
Os que vigiam, pensam.
Os que amam, escrevem.
Os que choram, escondem as lágrimas nas sombras.

Cada estrela no céu é um ponto de memória,
um desejo lançado, uma saudade acesa.
A lua, em suas fases silenciosas,
parece entender o que ninguém diz.

Ela testemunha os amantes que se buscam,
os solitários que contemplam,
os velhos que recordam,
os espíritos que ainda vagueiam.

Na noite, tudo é mais sincero.
Os sorrisos não precisam ser mostrados,
as dores não precisam ser disfarçadas,

e os suspiros ganham forma,
flutuando entre cortinas e pensamentos.

O vento noturno traz recados invisíveis,
palavras não ditas durante o dia,
segredos sussurrados ao universo,
promessas, orações, ou apenas um pedido de paz.

A casa escura torna-se templo,
a cama vira nave,
e o corpo adormecido se entrega
a viagens que os pés jamais poderiam fazer.

Há beleza profunda na noite,
não a que brilha — mas a que envolve.
É uma beleza que acalma,
como o toque de uma mãe no rosto do filho cansado.

Ela guarda o tempo com ternura,
cuida dos que esperam,
dos que perderam,
dos que não sabem mais onde estão.

Na madrugada, quando tudo é mais quieto,
parece que o mundo sussurra
coisas que o dia não suporta ouvir.
A alma, livre das tarefas, escuta.

Os que partiram passeiam na lembrança,
os que ficaram escrevem cartas invisíveis,
e os que ainda estão despertos
tentam encontrar sentido nas estrelas.

A noite é feita para os que sentem.

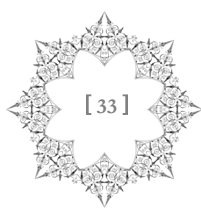
É o palco dos que criam,
o refúgio dos que sofrem,
o colo dos que oram.

E mesmo quando o medo aparece,
ele é abraçado com mais ternura,
pois a escuridão também acolhe,
também ensina, também transforma.

Quando os primeiros raios da manhã ameaçam o céu,
a noite recolhe-se lentamente,
como uma velha amiga que se despede,
mas promete voltar.

E volta. Sempre volta.
Com seus véus, seus silêncios,
suas dores e sua magia.
Porque a noite não é apenas ausência do dia.

Ela é o espelho da alma,
o ventre do pensamento,
o sopro do invisível,
o abrigo dos segredos eternos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NOITE DE SÃO JOÃO NA MINHA INFÂNCIA

Por Marcia Regina Nogochole Boneti

Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Minha avó paterna, de origem polonesa, Maria Margarida, chamada carinhosamente de “vó Marica”, gostava muito de tecidos coloridos, estampados.

Dentre muitas recordações que tenho dela, lembro debruçada sobre a máquina manual de costura, fazendo cobertas de pena de ganso. Retirava as penas com uma técnica toda especial que não machucava os penosos, preservando parte delas pra protegê-los, e sem deixar caírem as asas. Assim, não havia judiação dos animais.

Da costura, também, aproveitava os retalhos para coser toucas para as netas gêmeas recém-nascidas, barras de panos de pratos, aventais e outras coisas para o lar.

No início do mês de junho de 1974, a vi por vários dias, cortando e costurando para mim, um vestido “caipira” de cor vermelha com florezinhas miúdas brancas, cheio de babados enfeitados com sinhaninha enorme, azul escuro.

Ela, com muito entusiasmo, escolheu o tecido, o modelo e os enfeites. Passou alguns dias imersa na tarefa para que eu participasse juntamente com as crianças da catequese, de uma apresentação de dança na Festa da Comunidade da Colônia de Cachoeira em São José dos Pinhais – PR, que seria realizada na Noite de São João.

Cumplices da dor em comum, ela por estar perdendo o filho caçula para uma doença renal, e eu por vivenciar o sofrimento do meu pai doente e a angústia familiar, nós duas certamente nos distraímos um pouco com os preparativos para àquela noite que viria. Eu contava naquela época, seis anos, e ficava imaginando como seria a noite da festa:

- Seria igual à única que tinha ido, na qual tinha fogueira grande e dança da fita?

Com muito entusiasmo, participava dos ensaios no salão da capela, e durante os outros dias, ficava brincando de vestir bonecas e recortar papeis – **wicynanki**, sentada ao lado da minha avó e sua máquina de costura.

Difícil era provar inúmeras vezes o vestido, em dias de inverno paranaense, até que a roupa ficasse na medida exata que ela desejava.

Aconteceu porém, que bem na véspera da noite junina tão esperada, fiquei doente.

Eu queria participar, mas me sentia indisposta. Após tanto ensaio, empenho da família, da minha avó, e expectativa própria, eu não poderia deixar de estar lá. Não me aguentava de tanta curiosidade.

Me deixaram decidir se queria ir ou não, se queria dançar ou não. Ninguém impediu, nem pressionou. Assim, na última hora, por minha escolha, ficou combinado que eu iria só para ver meus amiguinhos e amiguinhas se apresentarem.

Me prepararam com o vestido caipira, calça vermelha, casaco vermelho, sapatos vermelhos, chapéu de palha enfeitado com camélias cor de rosa naturais, retiradas de uma imensa árvore que ficava o centro do jardim da minha avó.

Cheguei à festa cheia de curiosidade. Tinha fogueira, pinhão, quentão e dança da fita, para além do que eu tinha imaginado. Meu traje junino foi elogiado, vi meus colegas se apresentarem. E eu, não dancei.

Lembro alguns comentários de algumas pessoas adultas, compadecidas:

“- Coitadinha, não dançou! Mas, tá tão bonita! ”

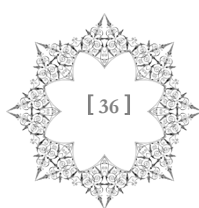
Foi naquela noite que descobri que nem tudo o que planejamos de fato acontece. Aprendi a conhecer meus próprios limites e a contornar circunstâncias.

Foi naquela noite que aprendi a ver o sucesso do outro, sem ter inveja. Não dancei, mas meus colegas dançaram, e eu me vi neles, fiquei contente por eles, me realizei da mesma forma.

Estar ali, naquele momento, significou muito mais que estar num palco iluminado, significou o pertencimento a uma família, a comunidade.

Me fez sentir que eu era uma menininha rodeada de muito amor. Amor expressado na veste colorida cuidadosamente elaborada por minha avó, no brilho do olhar dos meus pais, no acolhimento das catequistas, no companheirismo do(a)s amigo(a)s. Pessoas que me ensinaram prosseguir na vida, com os desafios que ela oferece, sem “dançar”, no sentido pejorativo da palavra. Mas, sabendo apreciar e acompanhar o ritmo da música que está no ar, em qualquer momento da minha vida, em qualquer idade.

Àquela noite, foi de fato, uma feliz noite de São João!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

VIVÊNCIAS NUMA NOITE DE NATAL

Por Marcia Regina Nogochole Boneti

Marcia Regina Nogochole Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Na Noite de Natal, numa Igreja centenária, eu estava aproveitando para fotografar a imagem do Menino Deus, antes que as velas fossem apagadas.

Era o intervalo entre a Missa das 20h e a tão esperada Missa do Galo, que não se fazia há 50 anos na Igreja local.

De repente, vi Maria chegando apoiada em seu filho (a mãe doente terminal e o filho com necessidades especiais que eu como pedagoga, acompanhei na escola da comunidade).

Não, a Maria jovem, que acabara de dar a Luz à uma Criança. Mas Maria já mais vivida, sofrida, carregando em si, as dores que a vida oferece. Dores das quais, nem mesmo Ela foi poupada, muito pelo contrário. Em seu semblante, as marcas expressivas da Paixão.

Aproximaram-se, e ela me abraçou dizendo:

“— Amo você!”

Me entreguei ao seu abraço, compartilhando das minhas experiências, as dores.

Imediatamente me reportei aos momentos em que ela me agradeceu pelo que fiz pelo seu filho, na escola.

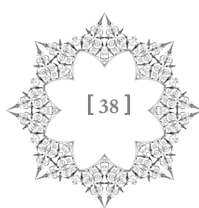
Um filme passou pela minha cabeça, rebobinando os momentos em que estive com ele.

E, àquela sensação de ter passado por Ele(s) e não ter feito o suficiente, novamente, abalou minhas estruturas.

No olhar do filho, me identifiquei. Marcas da jornada que já percorri. Circunstâncias nas quais, o apoio de um sobre o outro se confunde em plena expressão de Amor.

Assim, no calvário é quase impossível identificar se é o Filho que sustenta a Mãe, ou é a Mãe que sustenta o Filho. No entanto, embora aparentemente ausente, é o Pai que sustenta a ambos.

Então, em oração, mãe e filho, aproximaram-se do Santíssimo. E o Espírito Santo, se fez Presente entre nós!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O DISCO VOADOR

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.



Meados da década de 70. Não recordo o dia e mês, mas foi numa noite:

Estávamos mamãe, meu avô paterno e eu, na velha casa polonesa, onde nasci.

Mamãe saiu no quintal que dava para os fundos da casa

e voltou correndo para dentro, dizendo ao meu avô:

— “Vô, venha ver uma coisa muito esquisita que está lá fora”

Meu avô com muita calma e tranquilidade atendeu o pedido dela, enquanto eu, criança curiosa, correu à frente dos dois para ver o que estava acontecendo:

O estranho objeto já havia se locomovido dos fundos da casa para a frente, passando por cima do telhado.

Foi a coisa mais estranha que já vi: gigantesco, arredondado, como se fossem dois pratos, um virado sobre o outro. Era branco e em seu entorno havia uma iluminação fluorescente. Estava não muito acima do telhado e não emitia som nenhum, movimentando lentamente de forma levemente ondulatória.

Eu, contava uns cinco anos, plena de curiosidade, saí da varanda que circundava a casa, em direção ao quintal, para vê-lo melhor, momento em que mamãe falou em voz alta:

— “Não vá, volte aqui, pois eles te levam embora”.

Pensei: *Eles? Tem alguém lá dentro?* A curiosidade cresceu, mas sobreveio o medo.

Dividida entre o medo e a curiosidade, o medo venceu e retornei, enquanto ouvi meu avô entrar na casa, simplesmente exclamando:

— “É o fim dos tempos!”

Entramos na casa, em seguida dele, que logo foi dormir, sem mais comentários.

Sem entendermos nada, fomos dormir também.

No dia seguinte, algumas pessoas do lugarejo, também afirmaram terem visto.

Ninguém sabia dizer o que era.

Também não sei.

Se era um objeto extraterrestre ou fabricado por aqui mesmo.

Só sei que nós vimos. Nada ouvimos.

Não era um avião, não era um balão.

E, é a falta de algum som que me intriga até hoje.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NOITES NA OLARIA SÃO GERALDO

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga, atua há 40 anos na área educacional. É amante dos livros, paisagens bucólicas, mar e montanhas.

Temas recorrentes em suas escritas, são: o amor, a amizade, o tempo, as flores, a morte, a saudade, entre outro(a)s.

Na colônia onde nasci e passei quase toda minha infância, uma das atividades que se destacava na década de 70, além da agricultura, era a olaria, por meio da qual são produzidos tijolos e telhas de barro.

Papai era um homem de muitas habilidades, sobretudo, criativo e empreendedor. Construiu uma olaria, junto com meu tio Pedro, irmão dele e um amigo.

O processo de produção dos tijolos de dois, quatro e seis furos, iniciava com o recolhimento do barro, que depois era amassado e modelado.

Em seguida, os tijolos ainda crus, eram colocados em estantes como livros em uma biblioteca, até que fossem queimados em um gigantesco forno à lenha.

Em noites de inverno, a queima dos tijolos era quase um ritual. Enquanto os tijolos queimavam lentamente no forno, em volta dele se assentavam em roda, meu pai, meu tio, trabalhadores da olaria e amigos.

Bebiam pinga, quentão ou chimarrão. Comiam pinhão assado e proseavam ao som de músicas sertanejas ouvidas por meio de um pequeno rádio à pilha.

Mamãe e eu, às vezes participávamos com eles. Ficávamos observando-os enquanto ela me ensinava modelar pequenos objetos com o barro da olaria.

Era o encontro da amizade para além do trabalho, que os colocava ali, parceiros, naquele momento.

Grande parte dos participantes, amigos desde a infância, falavam de tudo: da lavoura, da política, de futebol, da criação, da geada, dos festejos locais, dos filhos e dos eventos na Capelinha. Por vezes, comentavam das idas à cidade grande e até ao litoral. Lá, cada um, já havia adquirido um lote para curtir a praia com a família. Construir a casa na praia, seria a parte mais fácil para todos, dado que além de fabricarem os tijolos, muitos tinham habilidades na construção civil.

Havia pureza em seus olhares, simplicidade nas palavras e esperança no chão da estrada.

A noite passava, vinha o amanhecer. Depois do plantão, o trabalho continuava: Os tijolos recém queimados, iam para as estantes; outros eram entregues aos compradores. Mais barro era buscado, amassado, modelado em tijolos.

Logo, em outra noite, haveria mais queima de tijolos na Olaria São Geraldo, um novo reencontro e novas prosas e risadas.

Antes disso, outras noites iguais ainda aconteceriam, nas olarias dos amigos. Tendo em vista à reciprocidade, meu pai, meu tio e o outro sócio estariam lá.

Na colônia, na agricultura ou nos pequenos negócios, a cooperação entre uns e outros é a base da comunidade.

Assim, a vida prospera, com sol ou com chuva, no calor do verão ou nos rigores do inverno.

Nas olarias o cheiro de tijolos crus e queimados, são a marca olfativa da prosperidade, do valor do trabalho e da amizade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO ANOITECE

Por Marilu F Queiroz

Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. Aquarelista e escritora. Associada REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras. Livros: de contos, didático, dissertação sobre arte e textos em antologias e revistas no Brasil, Alemanha, EUA, França, Suíça e Itália.



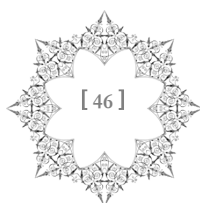
Quando a noite cai sobre a Avenida agitada...
Os arranha-céus guardam segredos ocultos.
Sob o solo, há uma história nunca contada,
Onde vivem seres magros de olhares astutos.

Lá embaixo, o mistério profundo se esconde...
Túneis esquecidos de um tempo ancestral,
onde sombras se movem e o silêncio responde,
aos passos de quem ousa enfrentar todo o mal.

Olhos invisíveis seguem os que se aventuram...
Arrepios percorrendo cada centímetro de pele.
Sussurros e sombras, que a mente, torturam,
histórias de medo que a coragem repele.

Os sons da noite, são um sinistro concerto...
Passos arrastados, gemidos e muita risada.
O subterrâneo é um mundo todo encoberto,
onde o desespero e o medo fizeram morada.

Na superfície, toda modernidade impera,
mas sob a terra, é que o horror ganha vida...
Aqueles que cruzam essa linha de espera,
desaparecem na noite, sem ter despedida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

REVELAÇÕES DA NOITE

Por Neyreid Maltauro

Neyreid Maltauro, natural de Itanhandu - MG, professora de História, com especializações em cinco áreas da educação. É autora apaixonada por palavras que resgatam memórias e sentimentos. Acredita na literatura como ponte entre tempos, pessoas e mundos.



A noite forma um dueto com o dia,
mas, soberana que é,
baila consigo mesma.

Dualidade intrínseca.
Alternância entre
escuro e claro,
silêncio e ruído,
introspecção e expansão.

Brinca com os sentimentos,
num espaço para a reflexão
e a busca por respostas.

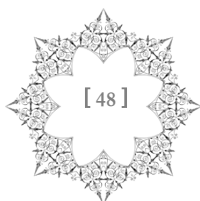
Hora os ameniza,
hora os intensifica —
num ciclo de mergulho e voo.

O silêncio da noite
pode ser perturbador:
sensação de isolamento e solidão.

Mas, em momentos de alegria e entusiasmo,
a noite pode parecer mágica e inspiradora.

A noite sempre é o que é,
mas representa um espelho:
refletindo nossas dores
e nossas esperanças,

abrindo espaço para a reflexão,
a transformação
e o renascimento.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

MULA

Por Pedro Pucci

Pedro Pucci é escritor, ensaísta, roteirista, leitor crítico e criador de universos narrativos que transitam entre o real e o fantástico. Natural de Carangola (MG), é autor da antologia de folk-terror "A VOZ DA FLORESTA & OUTROS CONTOS" e do romance "КРАСИВАЯ ДОЛИНА - UMA HISTÓRIA DE (POLI) AMOR" (previsto para lançamento em 2026). Seu estilo mistura lirismo, tensão psicológica e crítica social.



O VENERÁVEL MONSENHOR Isidro, apressava-se para encerrar a paróquia.

O sino no campanário bradava seu badalar, anunciando a meia-noite. Murmurou a prece final sobre o altar, encerrando assim os últimos ritos de um longo expediente. Despediu-se do zelador ao fechar das portas e seguiu para casa.

Já não havia mais cocheiros àquela hora, sua residência ficava a seis quadras da igreja. Ficou grato por não estar chovendo, ou então toda a rua se transformaria num grande lamaçal.

O silêncio da noite se abatia como um manto negro sobre a vila adormecida, como um céu silencioso de poucas estrelas, cobrindo as ruas de calma e quietude. Os casebres repousavam calados, com suas fachadas caiadas refletindo a luz pálida da lua cheia.

As árvores, imponentes, estendiam seus galhos como braços fantasmagóricos sobre as vielas estreitas, enquanto a brisa sussurrava entre o farfalhar leve das folhas que se desprendiam da ramaria.

O silêncio da noite era profundo — interrompido apenas pelos lamentos ocasionais das rasga-mortalhas que vojavam atrás de suas presas — A pequena cidade adormecia, resguardando-se sob o sereno olhar da noite.

Quando o monsenhor Isidro passou em frente ao cemitério, a poucos metros da paróquia, estremeceu-se, lembrando-se da última vez que estivera lá, para realizar o ofício fúnebre da jovem Josefina — de então dezesseis anos — há sete dias.

Num vilarejo pequeno como aquele, era difícil esconder o fato de que a garota havia tirado sua própria vida, e isso por si só era o bastante para chocar qualquer um que conhecesse Josefina ou sua família.

Tampouco os motivos eram claros, já que ela era conhecida por ter modos álacres e mui afável. Era considerada uma devota fervorosa da igreja, participando como membro ativo da programação eclesial, sem deixar de comparecer a uma missa sequer.

Em seus últimos dias, no entanto, andava abatida e casmurra, saindo muito pouco de seus aposentos, e comendo menos ainda. Nem no confessionário ou nas missas dominicais ela era vista. Josefina então partiu numa golada de veneno sem deixar cartas,

despedidas ou quaisquer explicações que apetecesse seus amigos e parentes. O repentino suicídio de Josefina desassossebou toda a cidade, que por uma semana seu luto chorou.

Apenas o monsenhor sabia que Josefina estava grávida. Isidro a conhecera na época que chegara à cidade. Josefina era uma jovem donzela de singular formosura, de lábios escarlates, com olhos cor de céu — de um profundo azul-claro — Seus cabelos negros como a madrugada sempre caindo em ondas suaves sobre os delicados e sardentos ombros.

Naquela época, o bispo diocesano do estado — através da Nunciatura Apostólica — enviara à Santa Sé todos os nomes e as biografias dos candidatos a receber a honra do monsenhorado, dentre os quais, o honrado e virtuoso Isidro.

Quando o recém monsenhor assumiu a paróquia da pequena cidade, ganhou logo a confiança de seus devotos com seu carisma e sabedoria — dentre os quais, Josefina e sua família — Com o passar das confissões e sorrisos cúmplices, o monsenhor Isidro viu-se enredado pelos encantos da jovem moçoila. Em segredo, contava as horas para poder tê-la ajoelhada em seu confessionário, só para ouvi-la contar sobre seus ardentes e proibidos desejos que a floravam com seus hormônios de adolescente.

Durante as missas, olhares ardentes eram trocados nas entrelinhas, entre o monsenhor e a jovem devota — sempre sentada no primeiro banco da igreja, afim de poder contemplar seu admirado clérigo — denunciando em segredo o fervoroso desejo que lhes inflamava os corações.

Passaram a se encontrar cada vez mais, sob desculpa de estudos das Escrituras — explicação essa que fazia completo sentido, visto que Josefina se dispunha de ares beatos e de total devoção à cruz — Em suas apaixonadas e ardentes cartas, Josefina o chamava de “*meu Napoleão*”, afim de ocultar suas identidades e manter a total discrição.

O que era proibido e se ocultava em segredos possuía um gosto viciante e excitante. Não demorou até que comesçassem a encontrar-se em segredo, longe dos olhos de todos, apenas com as árvores e o rio como testemunhas.

O tempo, contudo, revelou o fruto indesejado dessa hedionda união, quando Josefina descobriu-se com vida em seu útero. A notícia foi recebida com terror pela moça,

que pressentia o julgamento cruel da comunidade e de sua família. Mas a rejeição de seu amado monsenhor foi a que mais devastou seu aflito coração. Isidro aconselhou-a que procurasse por algum meio de subtrair-lhe o feto do ventre, temeroso de perder seu posto e reputação.

Assolada e de coração partido, a jovem buscou refúgio e acalento no mais sombrio dos destinos. Então, nas sombras de sua dor, Josefina entregou-se à morte, fazendo ecoar o lamento de sua perda por toda a cidade.

O monsenhor apressou-se para o caminho de casa, evitando o olhar sobre as lápides, afim de anuviar aqueles pensamentos e lembranças — escutando daqueles túmulos um silenciado pecado que parecia querer lhe cobrar por satisfações.

Ao chegar na penumbra da encruzilhada a um quarteirão de sua casa, Isidro ouviu, ao longe, o som ritmado de cascos equinos, reverberando como trovões distantes na quietude noturna, aproximando-se dele como se a própria escuridão tivesse despertado.

O monsenhor estremeceu-se, caminhando com passos ligeiros pela sinuosa encruzilhada, até que avistou, à luz débil da lua, uma misteriosa figura no fim da rua, aproximando-se adiante. Seu coração acelerou-se ao ver a silhueta escura de uma moça montada numa mula, aproximando-se mais e mais.

Ao vê-la, sentiu um frio inesperado envolver-lhe o corpo, um manto enregelado de névoa e medo que obscurecia a visão, velando os arredores com um véu fantasmagórico. A lua, antes brilhante, aos poucos ocultava-se por detrás das nuvens pesadas, lançando apenas um brilho fraco sobre o sombrio cenário.

— *Olá, meu Napoleão.* — Sua voz soou como um sussurro vindo das profundezas abissais.

O monsenhor, tomado pelo terror e pelo arrependimento, prostrou-se a chorar, sem notar que urinava nas próprias calças. Seu acelerado coração se petrificava com o frio penetrante e repentino que sentia, vindo do além como um prenúncio de sua própria condenação. Estava totalmente tomado pelo pavor, sentindo que seus pecados vieram enfim cobrar-lhe o preço daquilo que ele renegou.

Quando a moça desceu da mula, Isidro pôde contemplar enfim — entre a penumbra e o temor — o rosto empalidecido de Josefina. Trêmulo, o monsenhor começou a recitar

em latim o Salmo 130, erguendo sua cruz de prata na direção da amaldiçoada, na tentativa de exorcizar aquele espírito penado.

— *De profundis clamavi ad te, Domine.*

Josefina apenas abriu um devasso sorriso de orelha à orelha, fazendo-o se arrepiar.

— *Domine, exaudi vocem meam. Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.* — Ele rezava de olhos cerrados, com lágrimas ardendo-lhe nas faces — *Si iniquitates observaveris, Domine, Domine, quis sustinebit? Quia apud te propitiatio est. Et propter legem tuam sustinui te, Domine.*

— Pois! Qual o infortúnio que vos aflige, meu Napoleão? — Sua voz parecia ecoar de todas as partes — Por acaso não regozijais em ver-me diante de vós?

— *Sustinuit anima mea in verbo ejus: Speravit anima mea in Domino.* — Chorava Isidro, tentando manter-se firme na sua oração — *A custodia matutina usque ad noctem, speret Israël in Domino.*

Quando voltou a abrir os olhos, no meio da oração, o monsenhor horrorizou-se quando viu que a barriga de Josefina crescia cada vez mais, até que, finalmente, a jovem abriu as pernas e começou a berrar, enquanto a mula atrás dela soltava grotescos relinchos que pareciam vir dos quintos dos infernos.

— *Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio. Et ipse redimet Israël ex omnibus iniquitatibus ejus.*

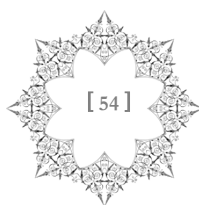
Diante de seus olhos, ela pariu um feto esquelético, caindo sem vida no chão entre sangue e placenta.

Josefina então sorriu quando pegou no colo seu filho sem vida. Nesse instante, atrás dela, a mula relinchava feroz, vomitando fogo em si mesma até que toda sua cabeça fosse coberta pelo fogo do inferno — exalando enxofre e pavor enquanto sua carne se esfacelava no fogo até que sobrasse apenas o crânio da mula — reluzindo pela noite um fulgor diabólico de uma chama crepitante que lançava chispas de revolta e vingança.

As chamas da mula abraçaram Josefina e seu filho cadáver, até que restassem apenas os esqueletos sorridentes, fedendo à putrefação. Ao som dos cascos da mula e à

gargalhada diabólica da assombração — o monsenhor deixou cair no chão sua cruz prateada, quedando-se perante o próprio delírio e pavor.

Naquela noite maldita, Isidro jamais retornou para casa.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO NÃO PERCEBEMOS

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Há cinco décadas atrás – eu me lembro -
os pássaros eram tantos!... e constantes
lindamente cantavam, apesar das gaiolas.
Peixes não faltavam nos ainda saudáveis
rios, apesar das redes e dejetos.

Nos mares uma complexidade de seres,
sobejava... apesar das armadas e sonares.
Nas ruidosas florestas a pulular vistosa
e colorida uma plethora de vidas...
apesar das incursões.

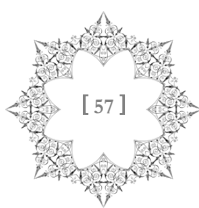
Os céus dos alados todos...
O esplendor do sol de luz e vida...
E a magia do eterno e supremo...
do imensurável infinito no brilho
da lua e das estrelas... a incutirem
sonhos e tenacidade.

Mas agora... agora...
escuros céus o horizonte, perturbam...
anunciam-se desconhecidas
e iminentes pragas...
e os nomes dos agentes,
hoje disfarçados, sabemos.

A expansão sem medidas...
a invasão sem reservas...
a destruição sem remorsos...
a conspurcarem a fonte...
que no final... quando nada sobrar...
quando nada mais houver...
o feito, reciprocará.

Inconsequentes... incultos...
covardes... medrosos... sem empatia...
atrozes na crueldade...
a não enxergarem o esplendor...
a desmerecerem o belo.

Somos nós... somos nós...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CÍRCULO VICIOSO

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

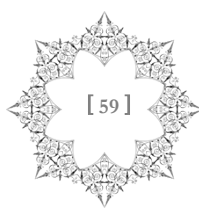


Dias e horas se repetem
como se eu nada fizera... ou mal fizera.
Passo ao papel achando que me livrei do espanto.

Um constante refazer o desfeito.
Um caminhar em círculos.
A arrastar-me sem retorno... um labirinto.

Um confuso repetir-se
no inconsciente refrear do desgaste mental.
Alívio temporário... enganoso.

Na máquina do tempo
tudo parece engodo... tudo parece incerto.
E as horas e dias continuamente me iludem.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CANÇÃO PARA GAIA

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Gaia, o que será de ti
se nós os teus filhos,
irresponsáveis somos?

De ti tudo recebemos,
oh Terra amada!
E o que retribuímos?

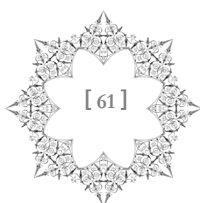
Não mais respiram os teus poros...
sangram...
Não tiram a sede as tuas águas...
intoxicam.
Não elide a fome o teu solo...
envenena.

Terra amada, como será o amanhã?
Ao arrastarmos os inocentes
merecemos a salvação de nós?

Terra amada...
da noite escura
das nossas falhas
do nosso descaso
deste pesadelo
não acordamos...
despropósito.

A hora está chegando...
Não sensibilizam os alarmes.
Haverá freio antes do precipício?

Terra amada, que o teu belo azul,
independente de nós,
perdure na tua jornada universal!





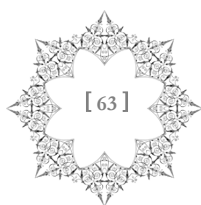
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

FOMOS E SOMOS

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Fomos nada e tudo.
Fomos fogo e fomos pedra.
Fomos água e muito ar.
Moléculas e pele
sangue e seiva.
Troncos raízes e ossos
sementes e penas.
E na matéria temporal
nos embebemos.
Renovados diferentes.
Dissociados em muitos
nascemos e morremos
Mas um só fora
na essência primordial.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

SEM PALAVRAS

Por Sheila Sacks

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação no serviço público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo, com mais de 200 textos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades. Os artigos também são publicados pelo site Observatório da Imprensa.

Pela segunda vez dona Edite repete o longo trajeto de Copacabana ao bairro de Bonsucesso, na Zona Norte, para finalizar a promessa assumida pelo pronto restabelecimento de uma prima muito querida. A doação seria para uma creche mantida por uma dessas organizações sociais de ajuda ao próximo. Entorpecida pela viagem, os pensamentos vagam perdidos entre as fronteiras do consciente e do sono. Sorri ao lembrar a garotada da creche. Tem 70 anos e o físico esbelto a faz esquecer a idade.

Um tempo depois o táxi diminui a velocidade e estaciona em uma rua que parece desabitada. A via silenciosa avança por dezenas de metros até uma pequena praça de terra batida. — A senhora trouxe o endereço? — pergunta o taxista olhando ao redor. — Estou na dúvida sobre a rua, diz. Dona Edite abre a bolsa e procura o papel onde anotou o endereço. Tinha esquecido em cima da cômoda. — É aqui mesmo — afirma, reconhecendo o muro em frente. Desce do táxi. No céu, as nuvens se acumulam.

Encimado por pontudos cacos de vidros, o muro de cimento é um desafio a possíveis intrusos. Dona Edite toca a campainha já antevendo o abraço afetuoso da risonha atendente. Enquanto espera, alça a vista para o horizonte recortado pela admirável estrada suspensa do teleférico que se estende sobre o conjunto de favelas do Alemão, uma cidadela fortificada e inexpugnável.

Postada na calçada, pressiona mais uma vez o botão vermelho instalado na frente do muro. Finalmente o portão é aberto e um sujeito de boca murcha, cabelos ralos e com as roupas sujas de massa e tinta assoma à soleira. — A creche está em obra, madame — apressa-se em explicar. E emenda: — Só volta a funcionar na semana que vem.

Dona Edite sente que a bexiga fraca dá sinais preocupantes. De supetão ela cruza o portão sem dar tempo ao homem de impedi-la. — Preciso usar o toalete. É rapidinho e sei o caminho — vai dizendo enquanto aperta o passo. Mas logo sente uma pressão violenta na nuca e se dá conta de que a arrastam para o interior da casa. É largada em frente a uma enorme cratera escancarada no centro da sala. Operários de torsos nus empilham sacos de entulho trazidos do fundo do buraco que se alonga em um túnel por debaixo da casa, em direção, talvez, à agência bancária instalada a poucos metros da esquina. Outros

cavam a terra dura e escura. Atônita, dona Edite percebe alguns homens fardados. Um deles se aproxima, o rosto oculto por uma touca de malha. Das fendas do gorro, dois olhos cinzentos e frios a avaliam. — Deje la bolsa acá — ordena. O portunhol range na voz cavernosa do gigante. Ele usa coturnos emborrachados e colete à prova de bala. Aponta o banheiro. — Adelante, vá.

No estreito banheiro dona Edite se vê sem os documentos, dinheiro, celular, relógio e sua inseparável sombrinha. Ela se abandona desolada sobre o tampo do vaso sanitário. As horas passam impassíveis às garras da aflição. De repente escuta uma sirene. Sons confusos e amortecidos pelas paredes vão ganhando contornos estranhos em sua cabeça. Pessoas discutem, as vozes alteradas pela agitação e a raiva. Escuta xingamentos, gritos, urros de dor e o que parece ser uma movimentação de luta. Súbito, a porta é aberta com um estrondo de ferragens partidas e um homem é empurrado violentamente banheiro adentro. Ele bate com a cabeça no piso de ladrilhos. — Traidor ! — berra o gigante

— Não faça isso, colombiano, tenha dó! — implora o homem com a voz engasgada. Em resposta, rajadas de tiros de fuzil desfolham o seu peito que se rompe como um vulcão em erupção. Uma larva gosmenta tinge o morto de vermelho. — Ninguna palabra, mujer — ordena o justiceiro mirando a mulher petrificada. A touca suja de sangue é jogada ao chão e com a mão faz um sinal inesperado para segui-lo. Dona Edite percebe que as pernas estão imobilizadas pelo terror. O gigante de botas se afasta e a velha senhora ganha fôlego e se joga sobressaltada em direção à porta tropeçando sobre o corpo do morto que estranhamente se contorce em convulsões.

Desorientada, ela se depara com a carnificina, o vestido florido empapado de sangue. Atravessa a sala onde corpos se espalham pelo chão. Gritos e batidas vindos do buraco agora tampado por pedras a confundem. Uma nuvem de calor e fumaça se eleva do chão e ela se desespera. O homem corre para o fundo do quintal e com precisão e agilidade afasta os móveis empilhados que escondem uma portinhola que se abre para o terreno baldio de uma rua próxima. Fora da casa, dona Edite por um instante tem a impressão de que a cabeça vai explodir. Repentinamente, ouve o ronco ruidoso de uma motocicleta que vem em sua direção. Travada pelo medo, as pernas não obedecem. O colombiano acelera em seus calcanhares. — Detrás — bufa o desconhecido em fuga,

respingando saliva e indicando a garupa da motocicleta. A velha senhora é arrancada do solo por um braço pesado como um trator. Ela se agarra à cintura do homenzarrão enquanto a máquina saracoteia e ganha velocidade.

— Fogo! — berra alguém no fundo da rua. Dona Edite escuta, atrás de si, duas violentas explosões e o estrondo de uma casa vindo abaixo. Um furacão de poeira move-se velozmente sobre a rua. O colombiano faz uma manobra arriscada e por alguns segundos a mulher avista os escombros da creche e um carro da polícia encobertos pelas chamas e rolos de fumaça. Já na avenida principal, ziguezagueando entre os carros, o bandido se lança para o Complexo do Alemão, em um itinerário de incerteza e medo.

Alguns metros acima da entrada da favela, em um pequeno descampado, a velha senhora avista novamente o incêndio lá embaixo e a confusão que se formou. Pessoas deixando as suas casas, outras acorrendo ao local, curiosos já amontoados comentando a tragédia. Uma viatura dos bombeiros atravessa a rua na contramão com a sirene ligada. Em frente aos escombros da creche, voluntários tentam se aproximar do carro da polícia ainda em chamas.

Equilibrando-se na garupa, dona Edite sente uma fisdada no peito quando o bandido se desvia de uma carroça de bananas e a moto ameaça derrapar. A boca está seca, a cabeça lateja e os braços e pernas entorpecidos. Olha para o alto e percebe que os bondinhos do teleférico estão parados. Passageiros contrariados saltam nas estações.

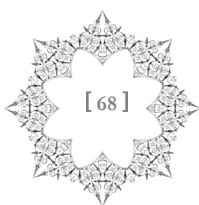
— Tá pegando fogo lá na creche da rua das margaridas — grita o garoto para a jovem na janela que solta uma gargalhada estridente. O colombiano acelera e se envereda pelas ruelas íngremes, desviando-se de restos de comida, latas de cerveja, garrafas e pneus. Cachorros soltos, porcos e gatos famintos perambulam por entre roupas estendidas em varais improvisados em meio a criançada que corre pelas vielas sem ter o que fazer. A poucos metros do topo da favela, uma saraivada de tiros interrompe a corrida. A moto rodopia, estatela-se no barro e seus ocupantes rolam pelo matagal.

Dona Edite tem a queda amortecida pela copa de uma árvore e cai sobre os restos de um colchão imundo misturado ao lixo acumulado. Tenta se levantar a procura de um

lugar para se esconder. Um corpo desconhecido cai ao seu lado, vísceras à mostra. O sangue espirra em seu rosto e ela fecha os olhos espavorida. A cabeça dói e um fiapo de líquido quente escorre pela face e pescoço. Nas lajes, a céu aberto, um pelotão de bandidos varre o espaço com uma torrente de disparos.

Desesperada, ela se arrasta até um beco próximo. Espreme-se em um vão entre alguns casebres e deixa o corpo exaurido cair ao chão. Os pés inchados dentro dos tênis sujos de lama a enojam. O chão barrento exala forte fedor de urina. Seus lábios balbuciam a oração dos aflitos até o cansaço, o medo e a desesperança silenciá-los. Adormece e quando novamente abre os olhos uma garoa umedece os barracos e luzes mortíferas de algumas lâmpadas pintam a escuridão. Levanta-se com dificuldade, sob o olhar curioso de um menino que parece observá-la há algum tempo. — Como eu chego à estação do teleférico? — pergunta, sentindo um fragmento de esperança. O vestido de fundo branco salpicado de flores coloridas tornou-se um trapo amarfanhado e dona Edite tem consciência de sua figura patética. O garoto de pouco mais de sete anos chupa os dedos e leva alguns instantes até apontar a localização da estação, um pouco abaixo de onde estavam.

No interior da cabine a velha senhora e o mendigo enrolado em uma manta são os únicos passageiros. O temor não a impede de embarcar. O relógio da estação marca quase dez horas da noite e o bondinho completa seu último trajeto até a avenida. A gigantesca favela parece blefar em um falso silêncio, espreguiçada como um paquiderme em vigília. A viagem se estende por intermináveis quinze minutos até a linha férrea. Desorientada, ela avista um táxi e solta um grito esganiçado. Joga-se no assento do carro e, antes mesmo de dizer para aonde vai, põe-se a soluçar. O taxista nota as condições deploráveis da mulher e aguarda alguns segundos. Indaga o que aconteceu. Dona Edite respira fundo. — Sem palavras, responde com um fio de voz. Finalmente consegue articular um pedido de socorro. — Me leva para a casa, pelo amor de Deus! Em seguida, ainda aterrorizada pelos acontecimentos se afunda no estofado e leva a mão trêmula ao coração. — Copacabana, por favor.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI